

Rede pública mantém nove escolas de lata

JAIRO VIANA

Metade das "escolas de lata" da Fundação Educacional em Brasília já foi desativada e algumas transferidas de local. Criadas durante o governo de José Ornellas para atender emergencialmente as comunidades dos primeiros assentamentos populacionais do Distrito Federal, tornaram-se definitivas, mas permanecem sem manutenção há 10 anos. Das 18 unidades instaladas, nove já foram desmontadas e a maioria está situada na zona rural.

Construídas com chapas de aço, do ponto de vista térmico, as "escolas de lata" são pouco apropriadas para atender as crianças do 1º grau da rede oficial de ensino. "Quando o sol esquenta, ninguém agüenta o calor dentro da sala de aula, quando faz frio do mesmo jeito, e quando chove, os alunos não conseguem ouvir o que dizem as professoras, pois o barulho sobre o telhado é ensurdecedor", afirma a diretora da Escola Classe nº 7, do Guará II, Mara Márcia.

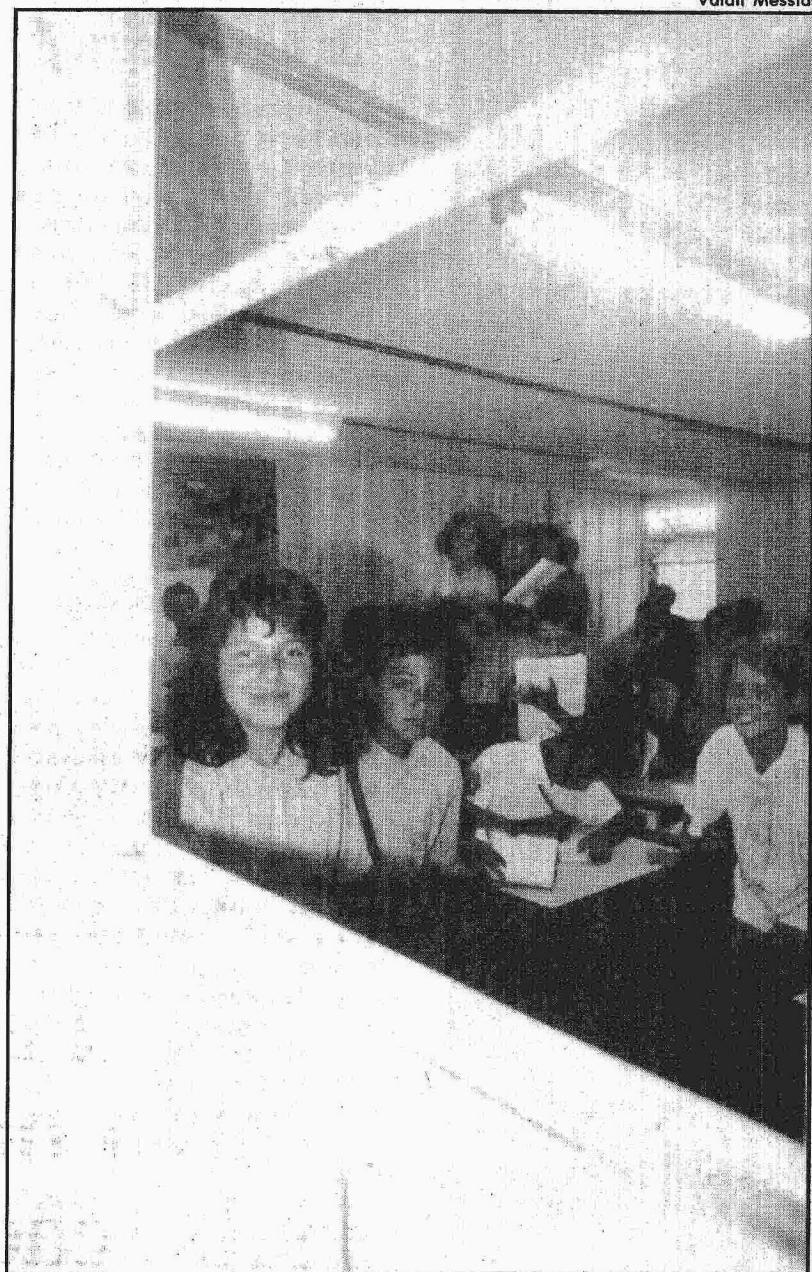
Apesar de estar com a metade desativada em Brasília, constituem uma solução para atender os estudantes de 1º grau da capital paulista. "Os 61 mil alunos da rede pública de ensino dos subúrbios de São Paulo vão estudar neste tipo de escola", garante o diretor de Engenharia e Arquitetura da FEDF, Eddgar Antunes Villaboim.

Apesar de suas deficiências, Villaboim não acredita que as "escolas de lata" possam ser totalmente desativadas, devido não só à sua funcionalidade como à facilidade e rapidez de sua montagem. As escolas atendem na maioria aos estudantes da zona rural do Distrito Federal e, em particular, aos dos novos assentamentos populacionais. "Agora, por exemplo, estamos transferindo uma destas unidades da Vila São José, em Brazlândia, para o assentamento do Recanto das Emas, próximo ao Gama, onde precisamos atender às crianças das famílias que residem no local", disse Villaboim.

A primeira unidade de Brasília foi montada no Varjão do Torto, no período em que a atual secretária de Educação, Eurides Brito, ocupava o mesmo cargo no governo de José Ornellas. A escola já foi substituída por outra de alvenaria, depois que a população do Varjão foi assentada no local.

Na zona rural de Brasília permanecem em funcionamento as escolas de Buriti Vermelho (Planaltina), Queima Lençol (Sobradinho) e Brochado da Rocha (Planaltina). Na área urbana funcionam duas no Setor QNL, em Taguatinga Norte, uma na QE-38, Guará II e uma no Recanto das Emas, no Gama.

Valdir Messias



Quentes no verão, frias no inverno e barulhentas quando chove

Reforma antes da substituição

Antes de ser substituída por uma construção de alvenaria, a "escola de lata" nº 7, da QE-38, no Guará II, passará por uma reforma de emergência, abrangendo os banheiros, piso da cozinha e instalações elétricas. A informação é da diretora da escola, Mara Márcia, e confirmada pelo diretor de Engenharia e Arquitetura da Fundação Educacional, Eddgar Villaboim.

A construção de uma nova escola no local foi incluída na proposta orçamentária do GDF para 93, e depende apenas da liberação de verba para o início das obras. No período de construção os 630 alunos, que freqüentam a escola em dois turnos serão transferidos para as unidades mais próximas do local (Centro de Ensino nº 5 e Centro Educacional nº 1) no Guará II, explicou a diretora.

Apesar das dificuldades que enfrenta com as condições térmicas da escola, Mara Márcia garante que sua unidade de ensino serve de modelo para outras escolas. "Com um trabalho de conscientização dos alunos e dos pais conseguimos

manter o jardim em boas condições", afirma a diretora da escola, exibindo o jardim florido em frente às salas de aula.

Funcionando em dois turnos (matutino e vespertino) "a escola de lata" do Guará II ministra aulas para crianças de cinco a 15 anos de idade, do pré à 4ª série do 1º grau, com 10 turmas em cada turno. Ela atende aos estudantes das quadras 38, 42 e 44 do Guará II.

Embora tenha elogiado a desativação das lagoas de oxidação da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb), "que acabou com o mau-cheiro e a proliferação de insetos na área", a diretora da escola cobra da Administração Regional do Guará a promessa não cumprida de limpar o mato que cresce dentro da área da escola. "Há meses o administrador prometeu limpar o pátio da escola, mas até hoje a promessa não foi cumprida. E o mato põe em risco a segurança das crianças, pois ali podem se alojar insetos e répteis", queixou-se Mara Márcia. (J.V.)